

INSPIRE-C

INSPIRAÇÃO, REFLEXÃO E ÉTICA
CONHECIMENTO E DINAMISMO

EDIÇÃO
NÚMERO

04 ANO 1 MARÇO/
ABRIL 2018

Educação e bancos escolares:

Os desafios do ensino voltado para a
conscientização e a reflexão

04 Editorial

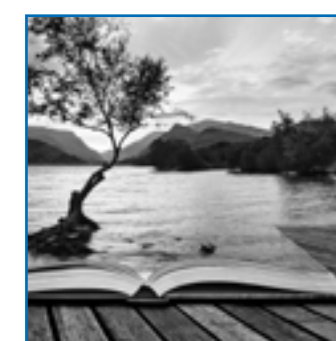
06 Elaboraões sobre um mesmo tema

Mainá Santana



Projeto Meu Quintal
— outras perspectivas
em educação para a
primeiríssima infância

Fernanda Oliveira Costa dos Santos



14 O despertar da consciência ambiental através da leitura

Cláudia Lima

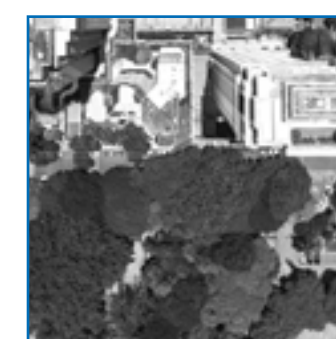
A defesa liberal da
restrição publicitária ao
público infantil: ética e
educação

Por Clóvis de Barros Filho e Arthur Meucci



28 Histórias que os lugares contam

Seção Culture-c - Vários autores



Amigas e amigos leitores!

Escolhemos para esta edição o tema Educação, e para essa nossa escolha levamos em consideração dois fatores: 1) a extrema importância do assunto, e 2) a convicção de que é o único caminho possível para a construção de uma vida mais decente, digna e justa para todos.

Confesso que achei que seria tarefa simples, uma vez que a revista INSPIRE-C e o Espaço Ética têm suas origens e essências ligadas à educação. Porém, surpreendi-me ao ver que não é nada fácil falar desse tema. Ele é muito mais complexo do que parece. Estamos recheados de opiniões, de soluções imediatas e, para sair do senso comum e pensá-la como algo para além da sala de aula, exige-se um cuidado tremendo para que a injustiça não continue assombrando as esperanças de uma vida melhor para todos.

Não bastando a complexidade que teríamos para tratar desse assunto, desejei ir um pouco além e quis fazer uma abordagem diferente de tudo que já se sabe, ou seja, que a educação em nosso país pede socorro, que a evasão escolar é altíssima, que em sua grande maioria o nível acadêmico dos estudantes deixa a desejar e, consequentemente, o desempenho escolar é inferior quando comparado com o de países desenvolvidos. Tudo isso está registrado em diversos estudos sobre educação no Brasil e no mundo. O mais recente deles foi publicado pelo Banco Mundial ^[1] no mês passado.

Sei que não é fácil falar sobre educação sem deixar de pensar

na qualidade das escolas, notas, avaliações, desempenhos etc., ou seja, nosso discurso invariavelmente envereda pelos bancos escolares. Porém, proponho pensarmos a educação como uma atividade humana que só termina com o fim da vida, que é um esforço individual, trabalhoso, muitas vezes árduo. E não só isso, os resultados demoram a aparecer e só fazem sentido quando encontramos uma conexão, um fio condutor com a sociedade.

Difícil, né? Talvez nem tanto... Com certeza, voltaremos a esse tema em outras edições para dizer que nossas escolhas diárias, seja a roupa que iremos vestir, a comida que comeremos, o caminho que faremos para o trabalho, o meio de transporte que utilizaremos para chegar lá e até os pensamentos que teremos durante o dia passam pela educação. Mas isso ficará para as próximas edições, pois nesta sentaremos nos bancos escolares e aos poucos mergulharemos nos alicerces educacionais que sustentam individual e coletivamente nossas vidas.

Para começar nossa jornada, entrevistamos executivos da área da educação — a [Tia Dag, educadora que dirige a Casa do Zezinho](#) e trabalha com propostas alternativas, e uma apresentadora e cineasta. Assim, é possível termos diferentes visões sobre o mesmo tema e que num certo momento se encontram.

O resultado de tudo isso não deixa de ser provocativo, contudo é muito rico, pois ouvimos pessoas que são extremamente sensíveis à educação e nos ajudam a dar os primeiros passos para que pos-

samos refletir e debater sobre aquilo que nos torna humanos e nos diferencia dos demais seres vivos: a educação.

Aviso que a caminhada é longa e talvez nunca termine. Mesmo assim, decidimos começar com passos pequenos, cautela e muita firmeza — se quisermos um país melhor para todos, teremos que ir juntos e de mãos dadas com a educação.

Espero que desfrutem desta edição, que reflitam, comentem. Estou aberto para conversarmos toda vez que quiserem.

Abraços,

Ronaldo Campos

ronaldo@revistainspirec.com.br



Foto: Divulgação

[1] <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,pais-so-deve-dominar-leitura-em-260-anos,70002206631>

Revista INSPIRE-C

Revista Institucional do Espaço Ética — Serviços de Palestras, Ensino, Capacitação e Assessoria Sociedade Empresária Limitada. (www.espacoetica.com.br)

INSPIRE-C é uma publicação bimestral da empresa Espaço Ética direcionada ao mundo corporativo articulando conhecimentos acadêmicos e empresariais, ligados principalmente à ética.

A Revista INSPIRE-C publica múltiplas expressões para cada tema em suas edições bimestrais, valorizando a diversidade de opiniões num espaço democrático. Ela não se responsabiliza pelas opiniões de terceiros e tem a prerrogativa das publicações.

Editor responsável

Ronaldo Assais Ribeiro Campos — ronaldo@revistainspirec.com.br

Sub-editoria de cultura

Mainá Santana — maina@revistainspirec.com.br

Diretores Institucionais

Karina de Andrade Macieira
Clóvis de Barros Filho

Design, Diagramação e Projeto Gráfico

Ana Carolina Ermel de Araujo

Fotos: DepositPhotos.com

Revisão

Hebe Ester Lucas

Colaboradores

Maria Cristina Poli
Sula Vlashos
Rodrigo Leitão

Assinatura, sugestões e reclamações

ronaldo@revistainspirec.com.br
(11) 3661 7532

Comercialização

ronaldo@revistainspirec.com.br
(11) 3661 7532

espaçoética

Rua Maranhão, 620 — Cj.141 — Higienópolis
Cidade: São Paulo, SP
CEP: 01240-000
Telefone: (11) 3661-7532



Elaborações sobre um mesmo tema

Mainá Santana

reflexão
eloquência
discurso
espaço
de fala

Não esperem que sejamos sempre pêssegos maduros, de tez suave, flores doces a aguardar os insetos levarem nosso mel: há momentos em que a história deflagra mais do que o presente.

Eram 12h47 quando sentei para trabalhar no pós-almoço. Que deselegância, Mainá, não escovar os dentes, manter o bafo do café de cortesia, que paladar pouco refinado. Sem aparelho, coitada, cada vez mais amarelados, sorte a minha ser preta, já que o preconceito dita sobre a alvura dos dentes em contraste com a pele escura. Suas, minhas, é confuso. Confundiram um amigo, magrela e de alma forte, com um assaltante. Av. Paulista, 12/02/2018. Bateram em sua alvura, pintaram-na de vermelho; meu amigo artista, educador, devorador de poesias e de fala eloquente. Sempre me encantei com a transparência pela qual ele se expressa, por vezes com uma impostação comedida de quem entende a necessidade de se falar bem, apesar de. Apesar de, não houve tempo para discursos naquela chave de braço. Apesar de, levaram seu celular caro, chaves, dinheiro, identidade comprobatória de sua injusta condição: no jogo de verdades criado por aquele dono de loja não cabiam as tantas posses do rapaz. Nem na realidade da ilustre mulher assaltada. Nem na presença dos dignos transeuntes daquela noite pós-cinema, pós-trabalho, pós-carnaval.

A proteção de certos nichos garante a possibilidade de uma pessoa ser assaltada com a validação social e financeira não apenas dos

O nicho que é protegido não entende muito bem a moral que se estabelece nesse jogo, nem seus personagens.

envolvidos, mas de quem não estava lá e desconfia da veracidade da história contada por um rapaz que conhece o poder do discurso. É o dia a dia de tantos não amigos sem o saber ou o espaço instaurado da fala que valida a intervenção militar em locais “importantes” como o Rio de Janeiro; é necessário preservar a segurança dos cidadãos de bem que, curiosamente, não são as pessoas que estão

entre tiros há anos. Sempre foi assim. Coloca a população como linha de frente de um sistema frágil e cheio de ódio, onde mãos armadas são muito mais poderosas que qualquer sensualidade de palavras e discursos aprendidos. Poder que não se compreende, estresse com o peso de relações de opressor-oprimido, em que eu preciso ser mais forte do que o outro para me manter vivo. O nicho que é protegido não entende muito bem a moral que se estabelece nesse jogo, nem seus personagens. Talvez tenha sido muito leite com pera na infância, mas o fato é que as micropolíticas por meio

das quais as macropolíticas se engendram são perversas e mantidas por cada um de nós, no fechar de olhos, ouvidos e janelas, em não posicionamentos. E o nosso posicionamento diante dos fatos tais quais também custa caro aos investidores de algoritmos na internet e a nós mesmos: de qual massa você faz parte? Eu gosto mais de doce! Eu prefiro a salgada! Gosto daquela que o cara faz no YouTube! Prefiro a receita escrita no Facebook.

Vive uma desesperança sorradeira em nosso meio, tornando-nos meros coadjuvantes dos fatos. Eventualmente limpamos o rosto dos feridos, quando não o nosso próprio, damos abrigo e acalento. Não sei se é possível fazer outra coisa nesse momento. O fato é que a dor aumenta conforme a proximidade dos problemas, e o caso do meu amigo, que como eu passa perrengue mas conseguiu alguma ascensão, visibilidade e espaço de fala, toca na ferida de muitos colegas que não vivenciam essa tangente dor diária de outras camadas sociais. Digo sem martirizações e com a consciência de que certas condutas são normatizadas e visíveis apenas para quem as vive.

Ele, eu e tantos outros dentes brilhantes seguimos falando bonito para gente importante, discursando sobre arte e cultura, discutindo sobriamente com os detentores do dinheiro e do saber. Soa irônico, mas não é: tornar tangentes questões de outra natureza de experiência também é educar. No caso, educar pela dor do próximo, infelizmente. Falhamos como sociedade educadora, subimos muros visíveis e indizíveis para separar os diversos modos de vida e dessensibilizamos as crianças, os velhos e os adultos para o que é diferente. Proteger o patrimônio moral, estético, financeiro, material é uma tendência disciplinar e não educativa, embora essas coisas se confundam e, sem dados apresentados ou marcos regulatórios pertinentes, a maior cidade do país retira ou diminui a circulação de 40% de seus ônibus e um estado se torna ingovernável. Mata de São João (BA)*, 102,9 mortes por arma de fogo a cada 100



mil habitantes. Lá na Costa do Sauípe não há intervenção militar, nem em nenhuma das 27 cidades entre as 102 alagoanas presentes no Mapa da Violência do Brasil. Turismo predatório, dizem. Sem importância estratégica, digo. Pelo Rio, sem comissão da verdade, desejam. Afinal, os milhões investidos na pacificação não parecem ter sido muito eficazes ao longo dos anos. Falhamos e não adianta insistir nos erros.

É muita contramão para pouco pensamento crítico desenvolvido em um país que demorará pra lá de um século para ter todos os seus moradores com capacidade de leitura de texto e de imagens. Sim, caso nenhum retrocesso se estabeleça como modismo. Obviamente não tenho respostas prontas para problemas sistêmicos e institucionalizados; como li esses dias pela internet, não dá para lidar com as questões como se estivéssemos discutindo pelo Facebook, a vida real é mais complexa do que a imagem que criamos dela. Ainda assim, este texto versa sobre a ideia de que o incômodo é o primeiríssimo mote para a mudança e, mesmo que tenhamos outros modelos de ação descritos nesta edição, a per-

cepção e a memória do que acontece em outros nichos e lugares de fala ainda são necessárias.

Afinal, todos precisamos perceber quando o racismo, o machismo, a homofobia [...] falam por meio de nossas bocas. Quando somos a plateia, quando somos o algoz, quando culpamos um inocente e o punimos numa moeda validada por toda a lógica vigente. Só que a educação não deveria trazer apenas a percepção de si, mas também do outro e de quem é quem nessa relação. Se uma das pessoas despense uma grande energia em se fazer presente, isso é absolutamente lúcido e cansativo: é dura a compreensão de que a sua visibilidade está atrelada a um jogo iniciado com menos pontos. Onde ainda há a necessidade de falar bonito, mesmo com os dentes marcados e com a cobrança interna e aprendida de encontrar a entonação perfeita para quem, muitas vezes, não deseja ouvir. ■

*Mapa da Violência no Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2018.

Projeto Meu Quintal – outras perspectivas em educação para a primeiríssima infância

Fernanda Oliveira Costa dos Santos

**primeiríssima
infância**

**educação
infantil
brincar livre
natureza
família**

Fernanda Oliveira Costa dos Santos, professora da creche municipal Albert Sabin (Guarujá), desenvolveu um projeto inovador focado no brincar livre de crianças de primeiríssima infância (0-3 anos). Levando as crianças para fora da sala, de maneira simples e prazerosa, as ações priorizaram a integração entre bebês e natureza, conectando também suas famílias ao projeto e trazendo-as para a escola. A proposta de desenvolvimento intelectual, social, emocional e físico tem duração de um ano e envolve em média 21 crianças por edição, desde 2015. Confira o relato de Fernanda sobre o **Projeto Meu Quintal**.

“Certa manhã, bem no início do ano letivo de 2015, resolvemos tirar os bebês da sala de aula e ficar alguns instantes do ‘lado de fora’, debaixo de duas árvores

enormes que temos no Neim (Núcleo de Educação Infantil Municipal). Concluído o período de adaptação, era o primeiro dia dos pequenos sem a presença dos pais na unidade. Imagine a loucura! Aquela choradeira de alguns, outros pedindo colo, chupeta, mamãe etc., mas, mesmo assim, resolvi encarar o desafio e mudar de ambiente. Para minha surpresa (e alegria), o

choro cessou! Quase que num passe de mágica! Os encantos foram tantos que cheguei a ficar emocionada. Ali, na minha frente, pude

presenciar uma reconexão! Logo vieram alguns comentários: *bebês podem andar com pés descalços na grama?* Os pais vão reclamar! Sim, eles podem (e devem) andar descalços! Cheguei a dizer: gente, é reflexologia!

**Os encantos
foram tantos
que cheguei
a ficar
emocionada.**

Sempre soube que, no início da fase locomotora, é muito importante que sejam proporcionados diferentes estímulos sensoriais, e um deles é o contato com elementos da natureza. Esse relacionamento se estreita de maneira natural enquanto os pequenos brincam. Você já parou para observar uma criança seguindo uma trilha de formigas? Percebeu quanto são habilidosos enquanto tentam ‘subir’ nas árvores? E a ca-

rinha de satisfação que fazem quando experimentam aquele belo punhado de terra? (Sim, isso acontece!). Ah... é encantador per-

ceber a capacidade que as crianças têm de 'admirar-se com o mundo'. Mas, dessas percepções, a mais significativa foi lembrar a minha infância. Que delícia era correr descalça pelas ruas de terra do bairro em que eu morava! Memórias que foram geradas começaram a pulsar, e percebi como a natureza se mantém matéria essencial da brincadeira ainda nos tempos de hoje! E, principalmente, dei-me conta de como este diálogo com o mundo natural é imprescindível para o desenvolvimento global da criança. Muito simples, mas, infelizmente, o que temos visto é uma geração criada na frente da tevê ou com um celular na mão. A tecnologia é uma ferramenta

Confesso que não entendi porque algo tão simples (pensava eu) despertava tanto interesse.

O Meu Quintal foi apresentado por mim em 2016 no Museu Pelé, no encontro da Omep (Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar) na Baixada Santista e,

a partir daí, tem estendido raízes. O projeto também ganhou uma matéria linda escrita pela Ana Carol Thomé, do Ser Criança é Natural, no site Conexão Planeta, e teve mais de 5 mil compartilhamentos! Confesso que não entendi porque algo tão simples (pensava eu) despertava tanto interesse. Uma emissora de tevê local também foi ao nosso Quintal conhecer mais sobre o projeto.

Depois de certo tempo, em meados de outubro de 2016, percebi que nossos pequenos exploradores precisavam alçar voos mais altos. Literalmente ultrapassar os muros da

maravilhosa, mas não pode substituir a sensação refrescante de um belo banho de chuva, por exemplo.

Depois do que meus olhos viram, não tive outra opção que não fosse a de proporcionar aos meus bebês mais e mais momentos *com* e *na* natureza. O livro *Brinquedos de chão*, de Gandhi Piorski, veio como um bálsamo e, por meio dele, o projeto Meu Quintal decolou.

creche. Meu pai, carinhosamente chamado pelos bebês de Vovô Chico, ofereceu nosso sítio para uma 'pesquisa de campo', e esse convite foi prontamente aceito pelos pais dos pequenos. Pois bem, tudo pronto para a nossa aventura! Quando chegaram lá, ficaram maravilhados com tantas novidades; colheram goiaba, jaca e araçá. Fiscalizaram uma horta de pneus cheinha de temperos; tiveram uma verdadeira aula de pesca com meu pai no lago onde ele cria tilápias. Tomamos suco de limão-cravo colhido na hora. Conversamos com as bananeiras (e uma das crianças afirma que foi respondida). Lavamos pés e mãos na água gelada que vinha da cachoeira. Brincamos num balanço, rolamos na grama, fizemos uma minitrilha etc.

Que delícia! Infelizmente, o tempo foi curto demais e tivemos que voltar, mas uma coisa posso afirmar: aquele grupo nunca mais foi o mesmo! Foram marcados por uma explosão de cores, sabores, cheiros, texturas e muito amor. Tomamos uma dose generosa de vitamina 'N'.

Todos os dias momentos de rara beleza, encantamento e descobertas eram presenciados por mim e por muitos deles, registrados pela câmera do meu celular. No quintal, toras de madeira cortadas se transformam em um bolo, uma ponte e às vezes são apenas toras. Onde algumas lupas ajudam a visualizar um mundo minúsculo e diverso. Besouros, formigas, minhocas, lagartas, borboletas, joaninhas. Onde um coco verde encontrado caído no quintal vira objeto de pesquisa e degustação. Lugar onde os sentidos foram apurados. Palco de verdadeiros espetáculos musicais comandados por uma diversidade de pássaros. E o repertório de palavras? Ahhhhh... quanta mudança! Os bebês iniciaram o ano balbuciando alguns dadá, papá, mamã e, já no final do segundo bimestre, palavras como couve, regador, beija-flor, aroeira, coqueiro faziam parte do cotidiano.

Esse contato diário com a natureza e com pequenos animais — um coelho e dois jabutis — tornou-se indispensável. As famílias participaram de maneira efetiva e relataram as mudanças no olhar

dos pequenos em relação à natureza e quanto os 'valores' de toda a família foram mudados (para melhor, segundo eles). Hortas caseiras foram feitas pelos pais e familiares e, no final de 2017, tivemos uma linda exposição aberta ao público. Sucesso absoluto! Essa parceria família/escola foi fundamental para o andamento do projeto e por tudo que ele vem proporcionando."



educação integral
iniciativas individuais
novos valores
sustentabilidade
amor
transformação
rede

O despertar da consciência ambiental através da leitura

Cláudia Lima

Este é um texto para os que, como eu, não querem deixar o mundo acabar.

Foram vários lugares percorridos no Brasil e na América do Sul para reencontrar nas lições da natureza os valores tão esquecidos no mundo.

Nesta caminhada, busquei iniciativas ambientais inspiradoras e encontrei gente muito comprometida fazendo do seu trabalho um verdadeiro propósito no cuidado com a vida.

Senti uma vontade imensa de escrever para os pequenos, compartilhar os meus achados e criar novos começos nos quais natureza e crianças possam se reencontrar, restabelecer laços de afeto,

Neste momento global de total fragilização de valores, mais do que nunca se faz necessário um compromisso com a **educação integral** que considere o ser humano em todas as suas capacidades, inclusive e prioritariamente a capacidade de amar, por ser a partir dela que se estabelece toda e qualquer relação com o mundo, começando consigo mesmo até o outro, seja ele terra, verde, água, bicho ou gente. São muitos os projetos que têm nascido a partir de iniciativas individuais na busca da transformação que se espera. Aos poucos vai se descortinando uma grande rede de articulações onde essas iniciativas se unem, se conversam, unem saberes em parceria, se complementam e alcançam resultados de alto impacto positivo, porque se integram.

e em que o amor seja o guia para determinar escolhas e decisões sustentáveis.

Os textos foram chegando pelo caminho, uma poética reflexão sobre a nossa jornada por aqui. Somos todos viajantes.

Convidei algumas ONGs por onde viajei para compartilharem suas experiências. Interagir e trocar com as crianças o que fazem, como e qual a finalidade desse fazer pode significar uma experiência inspiradora, com exemplos positivos na direção de que é possível zelar pela vida por meio de estudo, planejamento e boas práticas. Em parceria, caminhamos nas escolas unindo literatura e consciência ambiental.

Práticas de leitura possibilitam muitas descobertas e a percepção do mundo com mais cuidado e de que forma somos parte dele. Narrativas, o olhar do autor e a caminhada dos personagens tocam a nossa história pessoal, as nossas lembranças e nos levam a conhecer mais sobre nós mesmos, e sobre o outro, favorecendo convívios melhores.

Além da experiência na escola, o livro infantil em leitura compartilhada é o afago da presença que a gente precisa. Como autora, me surpreendo com as leituras que os livros vão ganhando, onde as histórias deixam de ser minhas para ganhar novos olhares. Os desenhos e as cartinhas

Em seu site, a Unesco sugere um papel mais significativo para a inteligência emocional na educação.

e revisão dos valores que nos movimentam no mundo.

Em seu site, a Unesco sugere um papel mais significativo para a inteligência emocional na educação. Considera que a educação para o desenvolvimento sustentável avançou com a promoção do pensamento crítico, da resolução de problemas, da aprendizagem centrada na solução. Contudo, tem feito menos progresso em consolidar o aprendizado emocional que se conecta com a beleza e a diversidade da Terra, seu povo e suas criaturas. Tal aprendizagem pode fornecer uma base emocional para uma ação social intencional no sentido de preservar o que é valorizado para o futuro.

Escolhi falar dos bichos para falar de nós. Todos em busca de um lugar no mundo onde a vida seja possível, acolhedora e amigável. Além disso, os animais, quando alteram seus hábitos e com-

incríveis que recebo por aqui dizem muito de cada um!

O amor como fio condutor

Entendo a educação como um processo de expansão da consciência que, por natureza, é essencialmente amorosa. Contínuo e conjunto, nos conduz por um despertar daqui, ponto em estamos, para um passo sempre adiante.

A proposta deste trabalho é apenas lembrar a essência que somos, apontando uma reflexão

portamentos na natureza, nos levam a temas importantes que se referem ao impacto humano como aquecimento global, desmatamento, agrotóxicos.

Percorridas as etapas de literatura e conscientização ambiental, nasceu a necessidade de elevar o trabalho de sensibilização e conscientização das crianças a uma **prática** de conservação, imediata e transformadora, reforçando o papel fundamental da escola como um campo de treino de novos comportamentos sustentáveis.

Se as abelhinhas estão de partida, não encontram árvores nem flores para pendurar sua casinha, vamos plantar com as escolas e buscar iniciativas que promovam plantios públicos, unindo famílias, resgatando o verde, a vida e o pertencimento à cidade.

Por todos os seres marinhos e pela vida de todo o planeta que depende do mar, lançamos para 2018 a campanha de sustentabilidade para as escolas #PorAmorAoMar, que recebeu o apoio da ONU Meio Ambiente e vai certificar as escolas participantes. A ideia é diminuir o uso de copos plásticos no ambiente escolar para reduzir o acúmulo de lixo que vai parar no mar.

São novos caminhos na educação, com ações inovadoras e abrangentes, em consonância com o documento da nova Base Nacional Comum Curricular, de dezembro de 2017, na qual disciplinas se misturam e se complementam, incorporando aos currículos e às propostas pedagógicas novas abordagens para temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala global.

Articulações foram se estabelecendo em modo de cooperação e parceria, ampliando o repertório, enriquecendo o processo de educação para o desenvolvimento integral, conectando num mesmo propósito várias partes, escolas, ONGs, especialistas, iniciativas individuais, famílias, comunidade.

A grande rede em jornada no despertar. Aprendizes, SOMOS TODOS VIAJANTES. ■

Claudia Lima é formada em Comunicação Social, buscadora de caminhos melhores para o mundo, autora do *Projeto Somos Todos Viajantes*, trabalhado em mais de cem escolas.



A defesa liberal da restrição publicitária ao público infantil: ética e educação

Por Clóvis de Barros Filho e Arthur Meucci

publicidade infantil
ética
educação
ensino básico

Os ideólogos patrocinados pelas associações de anunciantes e pelas associações dos meios de comunicação defendem a tese de que a resolução 163 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), bem como qualquer outra norma ou lei que restrinja a publicidade infantil, ocasiona dois tipos de infração ético-política em uma perspectiva liberal: a intervenção do Estado nas liberdades de escolha e na formação da família^[1] e a legitimação de um tipo de

censura similar à praticada por Estados totalitários que não aceitam o livre mercado e o sistema democrático^[2].

Pensando nos fundamentos teóricos da liberdade individual, bem como nas teorias clássicas do liberalismo, constatamos duas distorções nos argumentos utilizados pelos defensores da livre regulamentação da publicidade infantil que comprometem o debate do problema em questão. Para apresentá-las, este texto será estruturado em duas partes: na primeira, são analisados os argumentos éticos que consideram as restrições publicitárias um ataque às liberdades individuais e de expressão; na segunda, apresenta-se uma solução liberal para os problemas atuais e futuros por meio da educação para os meios de comunicação no ensino básico.

[Texto publicado no livro *Criança e consumo: 10 anos de transformação*. São Paulo: Alana, 2016.]

Parte I – Ética

Os discursos contrários à regulamentação da publicidade infantil defendidos pelas associações de anunciantes e pelos meios de comunicação partem de premissas liberais que defendem a liberdade individual e o livre mercado e propõem uma luta contra o fantasma dos “governos totalitários comunistas”. Porém, ao analisarmos a questão sob a ótica liberal, constatamos que as regulamentações não contrariam o liberalismo e que as atuais práticas publicitárias possuem desvios éticos que abalam a confiança da sociedade no capitalismo.

Contexto

Antes de iniciar a defesa sobre o problema dos anúncios publicitários voltados ao público infantil, é preciso deixar claro que essa perspectiva é um contraponto aos argumentos em debate no campo político sobre o tema. Nem a ética nem a economia liberal possuem valores universalmente aceitos — tampouco são um discurso dominante em nosso país.

As críticas sociais às privatizações feitas no Brasil no final do século XX, bem como as constantes derrotas de partidos políticos liberais, mostram que a sociedade brasileira não está alinhada com os valores por eles defendidos. No campo político, ganha as eleições quem prome-

te qualidade nos serviços públicos e estratégicos de bem-estar social, mesmo em estados ricos como São Paulo. No campo econômico, tem prevalecido o apoio popular por medidas econômicas keynesianas.

Ao olharmos com atenção para a história política do Brasil, constatamos que o país nunca teve tradição de formar intelectuais e políticos verdadeiramente liberais. Via de regra, setores conservadores e segregacionistas, como os antigos Partido Republicano Paulista e Partido da Frente Liberal, utilizam-se de maneira indevida do discurso liberal para defender privilégios da elite econômica, excluindo uma grande parcela da população (apartheid social), além de medidas autoritárias — posturas radicalmente contrárias ao liberalismo.

Estamos cientes de que um debate restrito ao campo ideológico liberal não representa os valores éticos dominantes no país e exclui outras perspectivas éticas, políticas e econômicas igualmente legítimas. Também temos consciência de que há várias correntes liberais em luta pela definição das interpretações da vida social e econômica. Por esse motivo, decidimos utilizar teóricos clássicos como John Locke, Adam Smith e John Stuart Mill, bem como pensadores contemporâneos do atual campo liberal, como Milton Friedman.

Homo economicus

A primeira tese defendida pelos ideólogos contrários à regulamentação é que os seres humanos, inclusive as crianças, devem exercer suas liberdades de escolha. A publicidade infantil serve para ajudar os mais novos na escolha dos produtos que consideram mais pertinentes, e qualquer interferência exterior nesse processo prejudica sua aprendizagem sobre o ato de consumir.

Um dos pilares da teoria liberal é a concentração do *Homo econo-*

micus. Explicando de maneira didática, temos de conceber todos os humanos como seres racionais e egoístas, pois tomam decisões para evitar as próprias tristezas e maximizar seu bem-estar. Essa concepção já se encontrava na filosofia de John Locke no livro *Ensaio sobre o entendimento humano* ([1690] 2012) e tomou forma com Adam Smith, no clássico *A riqueza das nações* ([1776] 2003). Atualmente, liberais contemporâneos como Friedman chamam esse modelo de “teoria da escolha racional” ([1980] 2015).

Segundo a teoria liberal, homens e mulheres tendem a fazer escolhas que lhes ofereçam maior utilidade (satisfação) com o menor esforço possível, maximizando assim os ganhos. Para que a “escolha racional” seja exercida livremente, ela precisa preencher dois requisitos essenciais: primeiro, o individualismo deve estar em plena posse das faculdades mentais; segundo, o indivíduo deve ter capacidade de avaliar os benefícios e os custos que cada ação pode lhe promover. É sobre esses dois requisitos que teceremos críticas aos publicitários.

A publicidade é um tipo de comunicação utilizada por uma empresa para divulgar informações sobre os produtos. Sua função é convencer que um produto, ou uma marca, é melhor que outro, ou seja, que possui melhor custo-benefício. Mas de que adianta fazer uma comunicação dirigida às crianças? Elas teriam a capacidade de assimilar as informações e fazer escolhas racionais?

Para poder decidir, uma criança ou um pré-adolescente precisa estar em posse das faculdades racionais, o que não ocorre. A psicanálise de Freud e a teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget ([1955] 1976) provam que nos primeiros anos de vida os humanos são regidos pelo incons-

Mas de que adianta fazer uma comunicação dirigida às crianças? Elas teriam a capacidade de assimilar as informações e fazer escolhas racionais?

ciente, pelas fantasias infantis, estando limitados no plano cognitivo ao período sensório-motor (0 a 2 anos) rumo ao operatório concreto (7 a 12 anos). Logo, crianças e pré-adolescentes não têm plena posse das faculdades racionais. Não faz sentido persuadi-los com informações, pois não são capazes de escolher o que é melhor para si.

Nesse ponto, podemos afirmar que toda comunicação dirigida ao público infantil tenta persuadir por meio do discurso lúdico, pois se trata de um público incapaz de tecer um julgamento racional. As crianças são incapazes de saber se os produtos estão dentro do orçamento da família, se são seguros para a sua idade, se o consumo de certos alimentos, como salgadinho, biscoito ou refrigerante, pode desencadear problemas como alergia, obesidade, pressão alta, ansiedade etc.

Apelo aos pais

Tendo consciência da incapacidade infantil para realizar escolhas racionais, membros do Conar[®] defendem que as mensagens publicitárias de produtos voltados a esse público sejam destinadas aos pais, capazes de fazer escolhas racionais para os filhos.

Essa estratégia soluciona o primeiro requisito da teoria da escolha definida pelos liberais, mas não o segundo, a capacidade de analisar a relação custo-benefício por meio da comunicação publicitária.

Os produtos infantis utilizam em comerciais muitas linguagens iconográficas de apelo infantil, como imagens de desenhos animados: Batman[®], Barbie[®], Galinha Pintadinha[®], entre outros. A criança confia nesses personagens e não sabe diferenciar claramente a fantasia do desenho e a realidade do produto que pode lhe fazer mal — a administração da beleza da Barbie[®] pode levar ao consumo de doces e sucos calóricos que não a deixarão com a aparência da personagem[®], mas que acarretarão problemas de saúde, como obesidade infantil e diabetes.

O problema das mensagens publicitárias e das embalagens é que elas não advertem os pais dos potenciais efeitos nocivos que tal tipo de produto pode causar — intoxicação, câncer, problemas renais, hipertensão, alta no colesterol, diabetes etc. Em uma ação racional, o indivíduo deve ter capacidade de avaliar os benefícios e os custos que cada ação pode lhe oferecer, mas na publicidade infantil há um exagero sobre as qualidades do produto e falta informação sobre os danos que ele pode gerar.

O melhor exemplo de comunicação correta é a publicidade de cigarro. Para cada imagem bonita de um logotipo ou de um ator, há um espaço de igual tamanho com advertências e imagens que avisam o consumidor dos riscos que ele está correndo. É uma solução justa, pois não se proibiu a comercialização do produto, mas a comunicação propicia uma escolha mais consciente, e os impostos altos pagam o tratamento de câncer causado pelo consumo. Se funciona para o cigarro, por que não funcionaria para os produtos infantis?

John Stuart Mill, defensor radical das liberdades e do comércio, advertiu sobre a questão infantil em seu livro *A liberdade* ([1859] 2000):

Talvez seja desnecessário dizer que esta doutrina (da liberdade individual) se aplica unicamente aos seres humanos que atingiram a maturidade de suas faculdades. Não nos referimos, portanto, às crianças ou aos jovens cuja idade inferior à determinada por lei como a da maioria (MILL, 2000, p. 18).

Por que restringir?

Vimos que na atual conjuntura, a publicidade infantil desrespeita a teoria da escolha racional e coloca os consumidores em risco potencial contra sua economia e seu próprio corpo. As restrições de comunicação e oferta não seriam um atentado às liberdades individuais?

John Stuart Mill escreveu uma verdadeira apologia às liberdades individuais, defendendo o livre comércio de bebidas alcoólicas e até mesmo o de drogas. Para ele, as “funções da polícia” só devem intervir contra a liberdade com fins de prevenir crimes ou acidentes, nada mais. Ele sentencia: “O único propósito de exercer legitimamente o poder sobre qualquer membro de uma comunidade civilizada, contra sua vontade, é evitar dano aos demais” (2000, p. 17).

O autor posicionava-se contrariamente às restrições comerciais impostas pelos governos de qualquer país, inclusive o seu, mas não era radical, gozava de bom senso. No livro *A liberdade*, ele aponta um problema similar ao descrever uma ponte prestes a cair. Um indivíduo deseja atravessar a ponte, mas não foi advertido do perigo. Então, o filósofo pergunta: podemos utilizar a função de polícia e impedi-lo de atravessar a ponte?

A resposta que Stuart Mill oferece também serve para as questões referentes às restrições publicitárias: é legítimo deter a liberdade do indivíduo para informá-lo do perigo, pois “a liberdade consiste em fazer o que se deseja, e ninguém deseja cair no rio” (2000, p. 147). Ele continua a argumentação: “A despeito disso, quando não existe, não a certeza, mas o perigo de dano, ninguém, além da própria pessoa, pode julgar a suficiência dos motivos que o podem levar a se expor ao risco (a menos que se trate de uma criança ou um desvairado)” (2000, p. 147).

A liberdade individual autoriza as pessoas a se colocarem em perigo quando conscientes do risco, exceto aqueles que não estão em plena posse da faculdade racional: as crianças ou os desvairados. Se uma comunicação publicitária induz a uma compra que coloque as crianças ou a comunidade em risco, ela deve ser impedida pela sociedade para evitar danos. O pensamento liberal é muito claro nesse ponto e não abre espaço para outros tipos de interpretação.

Censura ou justiça? O anticapitalismo

Do ponto de vista liberal, colocar a questão da restrição publicitária em um falso debate entre “capitalismo *versus* socialismo” ou “democracia *versus* ditadura” é tão condenável do ponto de vista ético quanto as mensagens publicitárias que tentam seduzir o público infantil.

A restrição publicitária é uma questão de justiça, não de censura. Se os publicitários fossem capazes de se autorregular de maneira eficiente, respeitando a sociedade em detrimento do lucro imoral, nós certamente não defenderíamos uma ação estatal tão drástica no funcionamento do mercado.

Como conclusão desta análise ética do discurso de defesa dos publicitários, podemos afirmar que suas estratégias são anticapitalistas, pois atentam contra o sentimento de confiança necessário para a manutenção do sistema. John Locke, Adam Smith, John Stuart Mill, Milton Friedman e, recentemente, Eduardo Giannetti afirmam que a “mão invisível do mercado” necessita de um imenso depósito de confiança nos agentes capitalistas — nesse caso, o produtor e o anunciante. Eduardo Giannetti fala da desconfiança do povo brasileiro em relação ao livre mercado, consequência de práticas de desrespeito por parte de empresários e publicitários (1993).

A primeira quebra de confiança reside na imposição de uma relação capitalista com as crianças, impedida por questões psicofisiológicas, sendo que os efeitos nocivos serão creditados injustamente às liberdades mercantis do capitalismo. A segunda ruptura de confiança reside na oferta de produtos cheios de virtudes e que não advertem sobre os efeitos colaterais, contribuindo para a insegurança em relação à honestida-



de das empresas. O terceiro malefício reside nos prejuízos referentes ao comércio indiscriminado de produtos infantis que prejudicam a saúde do público. Exemplos disso são o sedentarismo infantil causado por alguns brinquedos e o consumo de alimentos inapropriados para crianças.

Quem pagará a conta dos problemas de saúde gerados pela indústria da publicidade infantil? O Estado e os planos de saúde privados. O governo terá de aumentar os impostos (como a volta da CPMF) para suprir as demandas negativas geradas pela publicidade, e a saúde privada se tornará pouco atrativa, pois enfrentará um aumento gradativo dessa demanda. Os argumentos do Conar nos levam a acreditar que ser capitalista é aceitar relações injustas entre as empresas e os consumidores.

Parte II – Educação

A questão da publicidade infantil revela outro problema: o de pais e educadores preocupados em ensinar crianças e jovens a se relacionar com os meios de comunicação. A mídia está presente em nossa vida e pouco se sabe sobre seu funcionamento. Soluções radicais, como a restrição da publicidade infantil, apesar de necessárias na atual conjuntura, revelam a incapacidade social de lidar com os desafios que surgiram com o desenvolvimento tecnológico.

A solução liberal para esse problema passa necessariamente pela

educação. Uma função pública e irrestrita para os meios de comunicação no ensino básico pode ajudar a próxima geração de jovens consumidores a refletir racionalmente sobre as estratégias de persuasão empregadas pela mídia. De John Locke a Milton Friedman, os liberais defendem que a educação pública adapte-se ao mundo na tentativa de solucionar os novos desafios impostos pelo mercado.

Contexto

Nossa sociedade de consumo é estruturada pela comunicação midiática. Vivemos na era digital, ou no Big Data, tempo em que a informação está disponível na “nuvem” (*cloudy computing*), e o acesso aos dados, aos fatos e às notícias é liberado às crianças, principalmente por meio de celulares, tablets e computadores. Pesquisas na internet são cada vez mais frequentes e até estimuladas pelos educadores. O uso de produtos da mídia como material pedagógico em sala de aula é incentivado e é tendência nos círculos da educação e da comunicação.

É preciso lembrar que, nos dias que correm, o espaço público é abastecido de maneira mais complexa e por agentes sociais não iniciados no jornalismo, que não são profissionais da notícia, mas que com o acesso às redes disponibilizam o relato do que acontece no mundo com possibilidade de recepção global. Apesar disso, continua sendo verdadeira a

tese de que aqueles fatos selecionados pela mídia tradicional e constitutivos dos meios jornalísticos ganham relevância e visibilidade que lhes asseguram uma credibilidade ímpar e a presença na agenda pública.

O mero uso de material midiático à guisa de informação sobre os fatos do mundo apenas desloca, desterritorializa o local do consumo, a pequena o papel da escola no processo de formação do aluno enquanto consumidor de notícia. Assim, quando a produção jornalística pesquisada na internet é levada à escola, espera-se muito mais do que simplesmente a ciência de seu conteúdo; espera-se do educador que ele provoque uma reflexão sobre os processos de elaboração da notícia, uma discussão sobre seus critérios, uma avaliação da forma jornalística de atribuir valor aos fatos e uma ponderação crítica sobre outras maneiras de valorar a realidade, definindo, assim, a pauta.

Uma educação para os meios de comunicação

Nesse sentido, caberia também à escola discutir os efeitos sociais desse trabalho jornalístico de definição do que é ou não notícia.

Afinal de contas, um fato preterido pelos meios de comunicação acaba tendo existência social restrita àqueles que com ele se relacionaram. A presença desse fato enquanto notícia nos meios de comunicação confere-lhe um conhecimento e uma discutibilidade que abrangem potencialmente todo o espaço público. Portanto, deve a escola permitir ao aluno dispor de instrumentos para refletir a respeito dos critérios pelos quais um fato vira notícia e outro não. Essa discussão permite um consumo consciente, crítico, reflexivo da produção jornalística diária.

A relação íntima dos meios de comunicação com o espaço público se dá por intermédio de um agendamento temático e é também conhecida pelos teóricos da comunicação como *agenda setting*. O que é *agenda setting*? De acordo com Maxwell McCombs e Donald Shaw ([1972] 2000), é a hipótese segundo a qual a agenda dos meios de comunicação impõe os temas de discussão social. Em outras palavras, as pessoas, em comunicações interpessoais, discutem prioritariamente sobre os assuntos abordados pelos meios de

comunicação. Essa hipótese é intuitiva e de fácil compreensão. Os exemplos poderiam multiplicar-se ao infinito.

Ao relacionar temas para compor o produto informativo, os veículos de comunicação determinam o que aconteceu, dando a alguns fatos existência social, mas condenando às trevas, ao desconhecimento social, um número infinitamente maior de assuntos também mediatizáveis. Ora, essa construção da realidade social operada pelos meios por intermédio de seleção e hierarquização arbitrária de eventos tem efeitos: promove discussões sociais encapsuladas na barreira do desconhecimento de temas descartados pela redação dos jornais.

No entanto, essa imposição temática pode ser vista de maneira menos apocalíptica e mais integrada. A realidade social é crescentemente complexa. O mundo especializa-se em velocidade progressiva. A vida em sociedade só é viabilizada em função de mecanismos redutores dessa complexidade. Os meios de comunicação, ao dar forma àquilo que está disperso e latente, oferecem às pessoas um mínimo denominador comum de temas sobre os quais conversar.

Proposta pedagógica

Na elaboração e na gestão de um processo pedagógico, as estratégias são definidas em função de objetivos preestabelecidos. O uso de material informativo de jornal, revista ou mesmo televisão visa a levar para a sala de aula um conjunto de temas que pertencem à agenda pública de discussão social, atribuindo, assim, um fim pedagógico ao efeito *agenda setting*.

A intersecção de recepção midiática e o processo pedagógico escolar, de acordo com a perspectiva da comunicação, fazem-nos pensar antes de tudo na agenda temática a ser definida. Embora o conteúdo do material pedagógico seja quase um pretexto para a construção e o desenvolvimento das estruturas de conhecimento por parte dos alunos, é inegável que a motivação, sempre associada ao interesse pelo tema e decorrente da gratificação psicológica obtida, é ponto nevrálgico na evolução do aprendizado. No espaço escolar, o aluno relaciona-se com os colegas em função de três tipos de agenda temática: 1) a agenda pessoal de cada

um, quase sempre comentada entre os colegas de relação mais estreita e segundo a qual cada um expõe fatos e opiniões que dizem respeito à experiência vivida; 2) a que aparece em reuniões de grupos, via WhatsApp ou redes sociais, e diz respeito à agenda do grupo instituído, que pode ser a turma toda ou grupos ocasionais impostos ou não pelo educador. Os temas desse segundo tipo de agenda são os que mais se aproximam dos programas desenvolvidos pelos professores, de seu discurso, dos livros de referência, das questões de prova, dos horários de aula, das lições de casa etc.; 3) os temas discutidos pelos alunos pertencem à chamada agenda pública da sociedade. Nela, questões de conhecimento público, ou seja, que pertencem a um menu temático compartilhado por toda a sociedade, são objeto de intervenção dos alunos. Compõem esse tipo de agenda temática assuntos políticos (corrupção, eleições, candidatos), econômicos (inflação, moeda, salário), esportivos (resultados de partidas, atuação de jogadores, contratações) etc. Não raro, o que acaba discriminando essas três agendas não é o conteúdo do tema discutido, mas o enfoque dado.

A violência, por exemplo, é um objeto de estudo que pode estar presente nas três agendas temáticas. Um aluno que conta a experiência de um assalto a sua casa, uma questão de prova que envolva o tema ou a própria discussão do fenômeno da violência nos grandes centros urbanos são maneiras distintas de trabalhar a mesma questão.

Consciência crítica

Hoje, há uma tendência a incentivar em sala de aula discussões que envolvam esse terceiro tipo de agenda temática. Imediatamente, o produto informativo oferecido pelos meios de comunicação surge como fonte privilegiada. Visa-se promover um agendamento de temas específicos por meio, por exemplo, da leitura de jornais. Para isso, procura-se oferecer ao aluno um conjunto de referenciais que permitam associações com novas informações recebidas e, assim, despertar o interesse sobre tais assuntos. Se os meios de comunicação impõem a discussão social (*agenda setting*), procura-se utilizar esse efeito de forma direcionada e combinada ao processo pedagógico em sala de aula. Para comunica-



dores e pedagogos, esse processo deve permitir ao aluno, por meio de uma recepção dirigida, desenvolver um espírito crítico em relação às mensagens veiculadas, incentivar o contraste com outros referenciais e promover a discussão de opiniões e interpretações.

A obsessão com o material pedagógico pode levar a uma negligência na preparação cuidadosa dos docentes. Nesse sentido, apresentaremos três ideias do senso comum que atrapalham o processo pedagógico: a associação do jornal à realidade; o uso do jornal em sala de aula equiparado ao uso que faz o leitor comum; e o produto informativo como socializador do conhecimento.

O espelho da realidade, o chamado “espírito crítico”, que nasce da capacidade de contrastar, diferenciar e associar novas mensagens a referenciais previamente estruturados, depende, no caso da recepção de informações mediatizadas, de noções sobre o que é o produto informativo. Não é incomum professores do ensino fundamental e médio recomendarem aos alunos a leitura de jornais para que “conheçam a realidade”, “saibam o que está acontecendo no mundo”, “estejam ligados no que ocorre nos lugares”. Essa sugestão, sem algumas advertências paralelas, produz efeitos negativos.

Associar de imediato a informação mediatizada à realidade faz crer numa transparência, ou seja, na correspondência absoluta entre o texto e o fato. Observa-se que essa é a representação do jornal ideal imposta por grande parte do material publicitário sobre os meios. A ilusão

O processo pedagógico deve esclarecer e advertir sobre eventuais efeitos nefastos que a recepção do produto informativo pode produzir, não apenas reforçá-los.

imediatamente se fala em manipulação. A manipulação, no entanto, não está na seleção, que é inevitável em função das limitações de tempo e espaço do produto. Está, sim, no golpe de violência simbólica que procura impor a parte pelo todo, fazer crer que o universo de temas elegidos como midiáticos pela reunião de pauta seja a realidade fenomênica. Trata-se de um tema de ética informativa e cabe uma advertência aos alunos. A imposição de um produto codificado — portanto, em certa medida, ficcional — como sendo a realidade, inacessível para o leitor, é a essência do produto informativo e mediatizado. A ausência aparente do autor jornalista, provocada por uma padronização estilística crescente (manuais de estilo), significa ausência de codificador, de código, de intermediário e, conseqüentemente, de seleção.

de mostrar a vida como ela é tem como principal ponto de apoio a aparência de objetividade das imagens e dos textos jornalísticos. É preciso que o aluno saiba que o periódico é fruto de um conjunto de escolhas e seleções arbitrárias. O texto informativo, como qualquer enunciado, é um processo específico de individualização da linguagem enquanto código de significação. Quando um jornalista redige uma matéria, ele materializa um processo ininterrupto de escolhas que acabam constituindo uma mensagem entre uma infinidade de possibilidades preteridas. Além das escolhas estritamente formais de sintaxe e de léxico, opera-se uma seleção temática.

Quando se fala em imposição temática, em escolha arbitrária,

Defesa contra a manipulação

O processo pedagógico deve esclarecer e advertir sobre eventuais efeitos nefastos que a recepção do produto informativo pode produzir, não apenas reforçá-los. O estudo do material informativo deve ser epistemológico, de método (ou seja, nesse caso, relativo ao conhecimento dos processos de comunicação), não temático. Se os objetivos são a discussão e o desenvolvimento do “espírito crítico”, é inútil transformar o aluno em deglutidor hipocondríaco de pílulas informativas. De acordo com algumas pesquisas, o segundo e o terceiro tipos de agenda têm uma limitação quantitativa.

Tanto em universos sociais circunscritos como na sociedade como um todo, o número de temas de discussão não ultrapassa um teto que varia em função das características culturais do grupo. Dessa forma, para que novos assuntos sejam incorporados à agenda de discussão, é necessário que outros sejam, paralelamente, esquecidos. Isso significa que a introdução dirigida de um tema no processo pedagógico corresponde ao desligamento de outro. O grupo regula o congestionamento temático. Daí a inutilidade da saturação na transmissão temática. O uso que o leitor comum faz da informação consumida é quase sempre imediato. É tão perecível quanto a própria notícia. O valor do dólar indicado no jornal tem validade de algumas horas.

Considerações finais

A primeira consideração, referente à parte inicial do texto, é que não existe justiça teórica na afirmação de que as restrições da publicidade infantil tenham origem em um Estado totalitário e que afetam diretamente as liberdades individuais. Pelo contrário, mostramos como o atual modelo do mercado publicitário infringe os direitos individuais e atenta contra o capitalismo.

A segunda consideração é que os defensores do livre mercado e da livre comunicação devem voltar seus esforços para incluir disciplinas sobre os meios de comunicação na sala de aula como instrumento formador de consciência. A educação pública de qualidade é a solução

liberal mais eficaz para a sociedade enfrentar problemas sem depender da tutela do Estado.

Referências

- FREUD, Sigmund. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: _____. *Obras psicológicas lógicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.7.
- FRIEDMAN, Milton. *Livre para escolher*. São Paulo: Record, 2015.
- GIANNETTI, Eduardo. *Vícios privados, benefícios públicos? A ética na riqueza das nações*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- McCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. “A função do agendamento dos media”. In: TRAQUINA, Nelson. *O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva, 2000.
- PIAGET, Jean. *Da lógica da criança à lógica do adolescente*. Porto Alegre: Thompson Pioneira, 1976.
- SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. V.1.
- STUART MILL, John. *A liberdade — utilitarismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Notas

- [1] Disponível em <http://www.conar.org.br/pdf/conar197.pdf>; acesso em: 20 jul. 2015.
- [2] Disponível em <http://www.abert.org.br/web/index.php/not-menu/item/22657-proibir-publicidade-infantil-e-uma-forma-de-censura-diz-conar>; acesso em 20 jul. 2015
- [3] Disponível em <http://www.conar.org.br/pdf/conar197.pdf>; acesso em: 20 jul. 2015.
- [4] Fazemos referência ao mecanismo psicológico segundo o qual as crianças tentam introjetar as qualidades de pessoas ou personagens de que gostam. Ver Freud ([1905] 1996)
- [5] Grifo nosso

Histórias que os lugares nos contam

São Paulo é uma imensidão. Ao prezar pela nossa rotina, muito da cidade nos escapa e locais, espetáculos, livros, conversas, curiosidades e filmes podem trazer experiências novas e diferentes com o mundo. Aqui, neste Recanto, compartilharei com vocês um pouco daquilo que encontro pela cidade.

Nesta edição, trago algumas experiências de cozinhas e modos de pensar o consumo de alimentos, experimentando um novo formato, em que compartilho esse espaço com os protagonistas das ações. Apresento a vocês um pouco da história de São Paulo, por meio do comércio existente no Largo da Batata (bairro de Pinheiros) e das feiras livres da cidade. Também aqui temos iniciativas de hortas comunitárias, ações de permacultura e um espaço novo para veganos ao lado do metrô Vila Madalena. Vamos juntos?

Mainá Santana, Sub-editora de Cultura

HAYA FALAFEL

Por Shajar Goldwaser

Tudo começou quando, em 2015, virei vegano. Desde então tinha sempre a sensação de que não podia comer na rua, precisava cozinhar tudo. Por um lado, isso foi bom, porque me fez desenvolver muito meus dons culinários. Porém, quando saía de casa, costumava passar fome. É importante para o veganismo que ele não seja um sacrifício, já que ele não é isso na verdade, muito pelo contrário! Ser vegano é impedir que a alimentação exija sacrifícios. Então comecei a pensar que faltava em São Paulo um lugar onde se pudesse comer algo gostoso, rápido, saudável e vegano. Isso se juntou com minha paixão e história junto ao falafel, que me acompanha ao longo de toda a vida. Assim, surgiu o Haya Falafel.

Antes de começar a produzir em uma escala significativa, nossa ideia era usar o resíduo orgânico como adubo para plantar nossos insumos. Logo que começamos a produzir em quantidade, percebemos que seria



Foto: Haya Falafel - Facebook

necessária uma fazenda inteira para plantar a quantidade de salsinha e couve que consumimos, algo longe do nosso alcance. Nossa sustentabilidade está muito mais ligada a fazer com que as pessoas que saem

para comer um lanche, em vez de escolherem um hambúrguer de carne, preferiam um lanche de falafel. Se a gente pensar que no processo produtivo de cada hambúrguer são gastos 2.400 litros de água, numa feira, festa ou evento em que vendemos cem lanches, estamos tendo uma economia de 200 mil litros de água aproximadamente!

Hoje, o Haya Falafel foca sua maior produção no lanche de falafel e em seus complementos, como os molhos (homus, tahine e pimenta) e a famosa batata rústica temperada. A nossa mobilidade possibilita que levemos comida gostosa e vegana para muito longe. Já chegamos com nosso *foodtruck* até o Rio de Janeiro! Porém, ao trabalhar dentro de uma Kombi, é difícil ter mais diversidade. O espaço limitado e a logística nos obrigou a focar apenas um prato, que mesmo sendo delicioso, não nos permite mostrar as várias possibilidades que uma alimentação de origem vegetal pode oferecer. Em nosso ponto fixo conseguimos expandir um pouco nossos produtos, trabalhando com o misto quente vegano feito com nossa linguiça caseira de grão-de-bico, ou o nosso bolo integral de banana.

Buscamos oferecer ao cliente uma refeição que seja prática e divertida de comer, assim como deliciosa, saudável e vegana. Começamos trabalhando com os lanches enrolados no pão sírio, já que é assim que é feito de modo geral. Porém, a crescente demanda por uma opção de lanche sem glúten nos fez ter a coragem de enrolar um lanche numa folha de couve. O resultado foi surpreendente! Hoje, o falafel na folha de couve tornou-se nossa marca registrada, e a favorita dos nossos clientes.

Somos três sócios que começaram a empreitada. Junto a nós foram se juntando alguns funcionários. Hoje, em nosso ponto fixo temos cinco funcionários, além dos ajudantes que nos acompanham nos eventos externos. Totalizando, nossa equipe é formada por dez pessoas.

Quando a gente sai para vender falafel, é muito comum o público ter um pé atrás por achar que coisas veganas são menos gostosas. Por isso, nossa chave para vender é dar aos clientes a possibilidade de uma degustação. A reação do público é sempre surpreendente. Já ouvi coisas como “De que carne isso é feito?”, ou mesmo pessoas veganas ou vegetarianas cuspiando e dizendo “Desculpa, não como carne”, por acharem que algo vegano não pode ser tão saboroso, ou ainda mais, do que algo de origem animal. Qualquer lugar a que a gente vá, pelo menos uma pessoa acaba se questionando sobre sua alimentação e a possibilidade de comer menos carne no dia a dia.

SERVIÇO

Rua Martinho Falcão, 55 — Vila Madalena, São Paulo. Hospedados na loja Vitaminado. Próximo ao Metrô Vila Madalena.

Horário de funcionamento | De segunda a sexta, das 11h30 às 20h; sábados, das 11h30 às 18h

E-mail | hayafalafel@gmail.com

Telefone | 11 - 97301-1119

facebook.com/hayafalafel

@hayafalafel

Aceita dinheiro, cartão de débito e crédito, vale-refeição e Alelo | \$

no mapa da fome e houve o congelamento por 20 anos nos investimentos em educação, saúde e assistência social.

Pois foi ao dedicar trabalho para os mais pobres que começamos a buscar e pesquisar formas ancestrais de produzir o próprio alimento e de construção. Entendemos que poderíamos ter essa função social de relembrar às pessoas os saberes “esquecidos” que estão com os avós. Aconteceu uma defasagem no repasse intergeracional das informações básicas e os saberes foram se perdendo. Claro que a ciência — transmitida pelo sistema escolar — tem papel fundamental nesse processo. Coloca o saber popular como “menor” diante do saber científico, e daí a palavra do médico tem cem vezes mais importância do que a da benzedeira ou a do erveiro. Não estou dizendo que o saber médico e científico é desqualificado, mas que quando ele se coloca como superior e pior — a serviço da indústria farmacêutica, bilionária —, perde a função de cura e ganha a função de lucro.

Temos encontrado ótimos médicos na caminhada. Em geral, são críticos da indústria farmacêutica, conhecem muito sobre as plantas e o plantio. A dra. Clara Brandão, médica pediatra e difusora da multimistura no Brasil (tecnologia social difundida como complemento alimentar para o combate à mortalidade infantil e à desnutrição), é um exemplo disso.

Uma vizinha começa a falar sobre seu problema de refluxo. Lembremos da babosa, que constrói uma película protetora no estômago, logo a outra vizinha traz uma muda de babosa, que cultiva em casa. Vai se formando uma rede, altamente revolucionária. Não tem plano escrito, objetivos. É conversar com a vizinhança.

Esse é um ponto que gostaria muito que as pessoas que revolucionam aprendessem. Conversar com seus vizinhos. Está aí uma potência revolucionária. Aqui no Jardim Claudia as plantas e a terra têm sido a liga para esses encontros.

Um movimento lindo que tem ido nessa direção é o Permaperifa, uma rede de permacultores que trabalham ou moram nas periferias de São Paulo. São educadores, agricultores e construtores que levam esses saberes da terra para onde estão. Nos reunimos a cada três meses, promovemos um mutirão no local, fazemos um almoço comunitário e sentamos em roda para nossa assembleia, quando nos articulamos e



Foto: Depositphotos.com

decidimos onde será o próximo encontro. A última reunião aconteceu no dia 11 de março em São Miguel Paulista. Todas as informações estão na página da rede no Facebook.

Esses saberes tradicionais estão majoritariamente nas periferias. É onde estão os netos dos guaranis, dos tupinambás, dos xavantes e das mais de 300 etnias de povos que foram escravizados e saqueados. Assim como toda população neta e bisneta dos povos africanos que foram trazidos ao Brasil e escravizados. É um caldeirão de saberes ancestrais que está vindo à tona. Estamos nos reconhecendo e daí vem a nossa força.

Temos trabalhado pelas periferias da cidade, em escolas, projetos sociais e pela rede Sesc-SP. Os encontros são gratuitos e sempre têm como força condutora a autonomia, a permacultura e a reflexão social.

Daniel Souza é educador, permacultor e psicólogo. Trabalha com sua companheira **Iara Rodrigues**, que, além de educadora, permacultora e psicóloga, é fotógrafa. Os dois atuam não apenas em sua cidade, São Bernardo do Campo, mas também em São Paulo e em diversas cidades do interior do estado.

SERVIÇO

Rede Permaperifa

Encontros presenciais trimestrais em locais diversos

Contatos | facebook.com/REDEPERMAPERIFA

facebook.com/projetodaterria

MOVIMENTO PERMAPERIFA

Por Daniel Souza



permacultura é um jeito de olhar para a vida, uma matriz de pensamento. Propõe olhar para a natureza e tê-la como escola. Imitar os fenômenos naturais. Começamos a estudar a permacultura, mais especificamente a produção de alimentos e a construção com terra por necessidade. Ao trabalhar no

Cras (Centro de Referência da Assistência Social) numa região da periferia do grande ABC, deparamos com muitas famílias em situação de fome. Moradias precárias — barracos de madeira e falta de comida. Essa é a realidade em que se encontra a maior parte da população e que só tende a aumentar, visto que, após o golpe, o Brasil entrou novamente

BREVES HISTÓRIAS DE SÃO PAULO: LARGO DA BATATA

Por Mainá Santana

Cada vez mais pessoas têm se interessado em avaliar o modo pelo qual se relacionam com a comida e com sua produção. Outro dia mesmo, caminhando pela Av. Paulista, deparei com uma pequena horta comunitária, quase de esquina com a Rua da Consolação; outra vez, em tonéis, próximo ao início da Av. Angélica. Pesquisando, descobri que a horta da Paulista é chamada de Horta do Ciclista e é cuidada pelo grupo Hortelões Urbanos. E como a internet pode ser uma incrível ferramenta de extensão do olhar, descobri navegando que existe até uma União de Hortas Comunitárias, cuja página traz informações e articulações de encontros para o fortalecimento da prática. Entre as tantas espalhadas pela cidade, selecionei uma presente num local historicamente marcado pelo comércio de alimentos, o Largo da Batata. Lá, a iniciativa popular que cuida da horta é chamada Batatas Jardineiras e partiu do interesse de moradores em revitalizar a região após o término da reforma do Largo (2013). Para entender melhor essa ocupação, precisamos voltar quase um século atrás.

Segundo historiadores, o Largo da Batata é onde se inicia o bairro de Pinheiros. A região era um ponto a salvo dos constantes alagamentos de um Rio Pinheiros muito anterior a sua retificação, cujas margens naquela altura são mais estreitas e rasas. Essa característica do local o tornava atrativo desde o período pré-cabralino, quando a gigantesca trilha indígena Caminho do Peabiru, no trecho que ligava a Região Sul do país ao litoral paulista, chegava às atuais ruas Butantã e Paes Leme, coincidindo com parte da rodovia Régis Bittencourt. Durante o longo período escravagista, muitos quilombolas viviam ali, pois, apesar de ser um ponto estratégico de passagem para o sul, era uma região de difícil acesso ao centro da cidade, tornando-a pouco habitada pelos colonos. Já no final do século XIX, durante o terceiro período de imigração do Brasil, o bairro de Pinheiros passou a ser ocupado também por imigrantes — italianos, em sua maioria. De

1904 a 1909, a ligação até o centro era feita de bonde via Rua Teodoro Sampaio até a altura da Rua Capote Valente, por conta do terreno acidentado e encharcado pela várzea do rio. As pessoas precisavam fazer o restante do caminho a pé, e até hoje essa é uma subida e tanto.

É difícil imaginar uma São Paulo com problemas de mobilidade? Nem tanto, especialmente após as águas deste último março, mas num cenário sem metrô, linhas de ônibus e serviços de carros particulares, podemos pensar que a relação dos moradores com o espaço devia ser bastante diferente. Especialmente porque também não havia supermercados àquela época e compras de emergência se tornavam inviáveis devido à dificuldade de chegar ao centro. Assim, o comércio passou a se desenvolver na região, satisfazendo as necessidades mais imediatas da população. Foi assim que o Mercado de Pinheiros, ou o “Mercado dos Caipiras”, apareceu: era um entreposto para o comércio e a redistribuição dos produtos agrícolas do próprio bairro e das regiões vizinhas, como Jardins, Vila Madalena, Cotia e Itapeverica da Serra. E adivinhe qual era produto mais comercializado? Diretamente dos agricultores de Cotia, em sua maioria de origem japonesa, a batata, cuja produção era tão grande que ficava em sacos do lado de fora do pequeno mercado.

Com os problemas de armazenamento, os produtores de batatas se organizaram em forma de cooperativa, comprando o terreno em frente ao Mercado a fim de construir um depósito para o produto. Com esse movimento, uma ampla gama de profissionais nipo-brasileiros passou a ocupar a região, por conta do aumento da clientela dessa coletividade. Ao longo dos anos, a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), fundada em 1933, passou a aceitar outros comerciantes como associados, tornando-se a maior fornecedora de produtos para o Mercado dos Caipiras, quando, na década de 1950, este teve o comércio por atacado proibido pelo município.

Durante a década de 1960, ocorreram diversas mudanças. A finalização das obras de retificação do rio na década anterior, aliada à ex-



Fonte: www.saopaulo.com.br

Cooperativa Agrícola de Cotia nos anos 1920

pansão do município, deslocou as classes médias e altas para a zona sudoeste da cidade, iniciando uma modificação do perfil do bairro comercial e de distribuição de alimentos. O Mercado de Pinheiros foi demolido devido ao prolongamento da Av. Faria Lima e reinaugurado em 1971, diminuindo seu prestígio e visibilidade; inclusive, é nessa década que entram as grandes Também nos anos 1970, com a implantação do Entreposto Terminal São Paulo, hoje controlado pela Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), a CAC se transferiu para o Jaguaré, indo à falência em 1994, sucumbindo ao longo período de crises do fim do século. Naturalmente, a classe trabalhadora que ali vivia deslocou sua moradia para as regiões além-rio, o que coincidiu com o início dos grandes fluxos migratórios no país pela expansão da indústria. Cotia, Embu e Itapeverica da Serra tiveram suas populações aumentadas em três, sete e dez vezes, respectivamente, e sua ligação com a metrópole continuou sendo o Largo, com melhorias no transporte e a implementação do Terminal de Pinheiros no local.

Entretanto, o diversificado comércio perdeu, especialmente na informalidade dos camelôs do entorno do Terminal. Por longos anos, esses comerciantes ofereciam desde café para os transeuntes até frutas, legumes, carnes e artigos eletrônicos. A região se manteve como um nicho de comércio popular em meio à grande expansão financeira do

bairro, trazendo elementos como boates, casas de prostituição, grandes redes varejistas de comércio e uma infinidade de restaurantes baratos. Com a mudança da população do bairro de Pinheiros, novas necessidades surgiram. Por exemplo, o primeiro shopping center da cidade de São Paulo foi o Iguatemi, inaugurado na Rua Iguatemi, hoje Av. Faria Lima, em 1966 — um empreendimento de alto investimento, ousado para uma época em que a moda era fazer compras caminhando na Rua Augusta. Dessa maneira, o Largo da Batata, que não era uma praça, mas apenas uma confluência de ruas e trajetos, tornou-se um campo de batalhas políticas entre a iniciativa privada, o poder público e moradores, como o Movimento Pinheiros Vivo, que, entre outras demandas, solicitou o tombamento da Paróquia São João, primeira igreja da colônia japonesa do Brasil, que se tivesse sido atendido, alteraria as obras de extensão da Av. Faria Lima.

Entre atrasos, descobertas arqueológicas, licitações colocadas como de caráter duvidoso, desapropriações e o grave acidente na construção da estação Pinheiros do metrô, a Reconversão Urbana da região, iniciada em 1995, é finalizada em 2013, tornando o largo quase irreconhecível.

De lá para cá, diversas manifestações populares e eventos artísticos têm acontecido na região, demonstrando a importância da ocupação do Largo da Batata pela população local. Os movimentos de horta comunitária no largo têm uma simbologia que ultrapassa as barreiras do espaço: representam um retomar da história da cidade, ainda que em pequenos canteiros, por meio do plantio de novas ideias.

CONSULTA

Hortelões Urbanos | facebook.com/groups/horteloes/?fref=tsBatatas Jardineiras | facebook.com/BatatasJardineirasUnião de Hortas Comunitárias | facebook.com/UniaoodeHortasSPHistória do Largo da Batata | <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-08092015-150425/pt-br.php>

Você sabia?

* As feiras livres têm esse nome porque eram livres de taxação de impostos. As primeiras feiras paulistanas apareceram em 1914, graças ao prefeito Washington Luiz, que fora pressionado por movimentos anarcocomunistas diante do alto custo da alimentação na cidade.

* Na feira eram vendidos, além de produtos agrícolas, macarrão, óleo e itens de consumo variado, como vassouras, pois os trabalhadores das indústrias recém-instaladas também levavam esses produtos para a feira, atuando como compradores e comerciantes informais.

* Segundo o site da prefeitura, atualmente acontecem 833 feiras por semana na cidade.



Imagem da revista "A Cigarra" nº 15, de dezembro de 1914, ano da institucionalização das feiras livres na cidade de São Paulo.

de. E algumas delas são específicas de produtos orgânicos!

* Os primeiros supermercados da cidade apareceram na década de 1950, mas só se popularizaram nas décadas de 1970 e 1980, com a injeção de capital estrangeiro.

* O governo brasileiro tem uma publicação sobre a variedade de nossa alimentação, com indicações para melhorar a sua saúde! Estão organizadas por região, mas podemos encontrar muitas delas por aqui. Por exemplo, você conhece a taioba?

Confira aqui a lista completa: http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/alimentos_regionais_brasileiros.pdf

Aconteceu

DESVAIRADA - FEIRA DE LIVROS DE POESIA DE SÃO PAULO

Por falar em feira, a segunda edição da Desvairada — Feira de Livros de Poesia de São Paulo, aconteceu na Aldeia 445 nos dias 9 e 10 de março. Foi um evento para prestigiar e celebrar a poesia, com editoras independentes, mesas de debate, leituras de poesia, concurso de videopoemas e performances. Organizada por Marília Garcia, Natália Agra, Fabiano Calixto, Leonardo Gandolfi e Tiago Marchesano, a Feira é resultado da junção de um coletivo de editoras independentes que trabalham para ampliar a difusão e a leitura de poesia.

Diversas editoras participaram, vale a pena conferir quem esteve envolvido nesta iniciativa! A Aldeia 445 fica na Rua Lisboa, 445, em Pinheiros.

facebook.com/events/805147906337070

REDE EMANCIPA

A Rede Emancipa é um Movimento Social de Educação Popular composto por mais de 50 cursinhos populares gratuitos espalhados pelo Brasil, trabalhando com cultura, esporte, alfabetização, libras, educação para jovens em restrição de liberdade e um centro de formação de educadores e educadoras. No dia 3 de março, a aula magna inicial dos cursinhos aconteceu no Vale do Anhangabaú, com diversos discursos de ex-alunos graduados e graduandos em universidades públicas por todo o país. Achei interessantíssimo ouvir essas novas vozes, cheias de gás e energia disponíveis para construir um novo futuro.

Fica o site para você dar uma olhadinha: www.redeemancipa.com.br

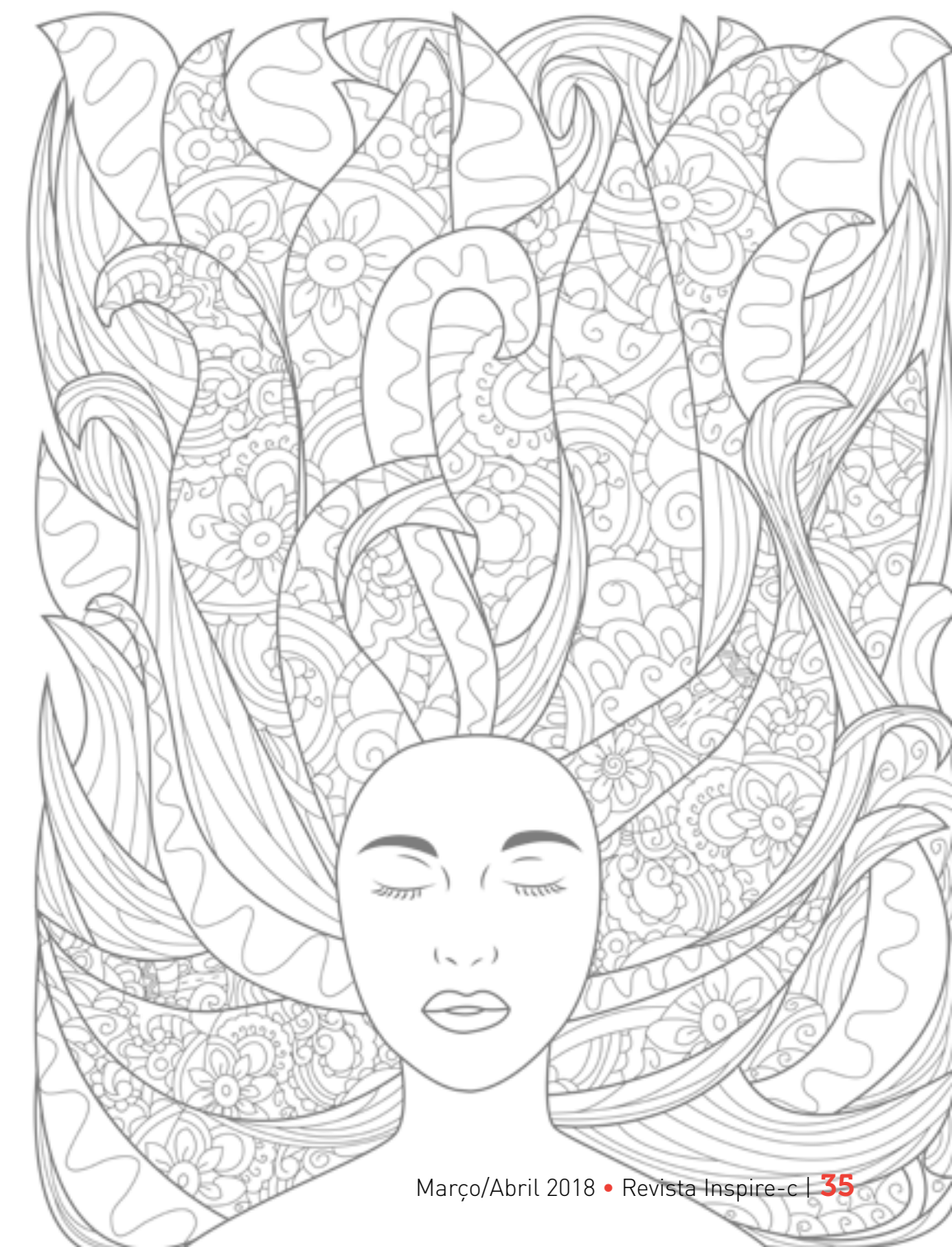
Gosta de escrever poesia? E de dançar, atuar, pintar? A partir das próximas edições, esta seção será exclusiva para textos dos nossos leitores! Envie o seu material com seu nome (ou pseudônimo, fique à vontade!) para que a gente publique e compartilhe na revista e em nossas mídias sociais. Todos têm arte fluindo nas veias, que tal mostrá-la para o mundo? Estamos a um clique de distância. :)

maina@revistainspirec.com.br

quietude

Júlia Iwanaga

o barulho lá fora,
cafuné.
um aconchego dentro de mim.



Concreto

Guigo Ribeiro

Concreto o peso das formas
Gestos, manias, acento
Concreta a certeza do outrora
O peso do silêncio, o lamento

Há um contorno na reta
No brilho imoral da paisagem
Concreta é a construção
Cinza que colore a passagem

Os corpos se juntam no frio
Num canto aguardo amanhã
Concreta a luz do abandono
Loucura: esquecimento da gente sã

Avesso ao passo pro cartão
Ao bloco de notas vazio
O pulso do senhor patrão
Os corpos se juntam no frio

Há um contorno na reta
Há o espaço pra velhas normas
Cabe o agora pintar
Rupestre em velhas formas

Concreta a estátua viva
Concreta a máscara da indiferença
A ausência do olhar da gente
Enquadramento pra foto da indecência

Concreto o peso das formas
Formas e seu peso concreto
Concreto o jeito das normas
Normas nas curvas do reto

8M

Mainá Santana

Fosse minha a insanidade, resolveria eu mesma
seca das águas que as empresas bebem
Meu economizar não ecoa porcentagem ínfima
de tal pesar

Me empurram uma culpa
cujas responsabilidades não estão em meu papel
O sujeito é o culpado
A sujeita é louca e dolosa

Me atribuem remédios
para sarar uma doença que não é minha
É endêmica, é sistêmica

Constam os fatos que nunca alcançarão a cura
Ditam a loucura
A reintegrar a posse de quem eu sou

Mas, fosse eu o problema
ou você
ou subjetividade qualquer

Destemeríamos

INSPIRE-C

www.revistainspirec.com.br

contato@revistainspirec.com.br

Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis

São Paulo, SP – CEP: 01240-000

Telefone: (11) 3661-7532

**Confira outros
vídeos desta edição
acessando o nosso
site:**

www.revistainspirec.com.br/videos

Realização:

espaçoética

Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis

São Paulo, SP

CEP: 01240-000

Telefone: (11) 3661-7532

